

MISSIONÁRIO

Lembrando Allan Kardec

Pés sangrando no trilho solitário,
Dilacerado, exâmico, proscrito,
— Ave do sonho em montes de granito —
Assim passa no mundo o Missionário.

Incompreendido e estranho visionário,
Contendo, a custo, o peito exausto e aflito,
Vai carregando as glórias do Infinito,
Entre as chagas e as sombras do Calvário.

Longas jornadas, ásperos caminhos,
No campo de grilhões, trévas e espinhos,
Onde semêia o trigo da Verdade!...

Virão, porém, os dias da colheita
E os celeiros da luz pura e perfeita
No Divino País da Eternidade.

Cruz e Souza.

O TEMPO

Todas as criaturas gozam o tempo — raras aproveitam-no.
Corre a oportunidade — espalhando bençãos.
Arrasta-se o homem — estragando as dádivas recebidas.
Cada dia é um país — de vinte e quatro províncias.
Cada hora é uma província — de sessenta unidades.
O homem, contudo, é o semeador — que não despertou ainda.
Distraído cultivador — pergunta: — que farei?
E o tempo silencioso responde — com ensejos benditos:
De servir — ganhando autoridade,
De obedecer — conquistando o mundo,
De lutar — escalando os céus.
O homem, todavia, — voluntariamente cégo,
Roga sempre mais tempo — para zombar da vida,
Porque se obedece — revolta-se orgulhoso,
Se sofre — injuría e blasfêma,
Se chamado á contas — lavra reclamações descabidas.
Cientistas — fógem da verdadeira ciência.
Filósofos — ausentam-se dos próprios ensinos.
Religiosos — negam a religião.
Administradores — retiram-se da responsabilidade.
Médicos — subtráem-se á medicina.
Literatos — furtam-se á divina verdade.
Estadistas — centralizam a dominação.
Servidores do povo — buscam interesses privados.
Lavradores — abandonam a terra.
Trabalhadores — escapam do serviço.

Gozadores temporários — entronizam ilusões.
Ao invés de suar no trabalho — apanham borboletas da fantasia.
Desfrutam a existência — assassinando-a em si próprios.
Possuem os bens da Terra — acabando possuídos.
Reclamam liberdade — submetendo-se á escravidão.
Mas chega, um dia — porque há sempre um dia mais claro que os outros,
Em que a morte surge — reclamando trapos velhos...
O tempo recolhe, então, apressado — as oportunidades que pareciam serm fim...
E o homem reconhece — tardivamente preocupado,
Que a Eternidade infinita — pede contas do minuto...

André Luiz.

A DIVINA LIÇÃO

Quando o Grande Processado
Ouviu a condenação,
O povo esperava, aflito,
Os gestos de reação.

Não se dizia emissário
Da Magestade de Deus?
Por que dobrar-se humilhado
Á tricas de fariseus?

Não se afirmava o Senhor?
Não era o Divino Mestre?
Por que curvar-se á injustiça
No campo da dôr terrestre?

Falava-se que Jesus
Era o Caminho, a Verdade,
A Vida Vitoriosa
No seio da Divindade...

Entretanto, pobre e humilde,
Em face da multidão,
Era Ele tido á conta
De feiticeiro e ladrão.